



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 82

Eterno retorno

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna. Tem uma sensação, que não é bem um déjà vu... não é bem o “dia da marmota”, mas é alguma coisa no meio do caminho. Uma sensaçõzinha no fundo da cabeça que diz: “eu já tive aqui. Nesse lugar, nessa situação...”, “já vi esse filme”. Essa sensação pode dar uma segurança, te trazer um pouco de paz... ou pode te deixar doida. No episódio dessa semana, a gente tem dois desses enredos um pouco circulares, sobre histórias que se repetem – nem sempre do jeito que a gente quer. Quem começa é a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 1 - MACHADO E EU

Flora Thomson-DeVeaux: Imagina uma leitora. Sentada na cama – meio jogada na cama, na verdade – com uma caneca de chá do lado. Tá frio lá fora. Ela tá lendo – e, de repente, ela dá uma risada, meio incrédula. Ela dobra uma orelhinha na página. Daqui a algumas páginas, acontece de novo. Ela ri e ela dobra outro cantinho. De repente já tá escuro, e o livro tá até um pouco mais gordinho, de tanta página com o cantinho dobrado. É mais raro do que deveria ser, um livro te surpreender. Te pegar na curva, assim. Não tô falando de reviravolta no enredo, ou de uma linguagem muito chocante. Tô falando de um livro que faz uma coisa que

você não sabia que um livro podia fazer. Foi isso que eu senti quando li “Memórias póstumas de Brás Cubas”, aos dezoito anos.

Ninguém me obrigou a ler. Eu tava no terceiro período de Português Avançado na faculdade, nos Estados Unidos, ainda lendo tudo com dicionário bem pertinho. Naquele inverno eu tava meio deprimida, obcecada com o “Livro do Desassossego”, do Fernando Pessoa. Eu ficava anotando os meus fragmentos preferidos num caderninho.

“Estou num daqueles dias em que nunca tive futuro. Há só um presente imóvel com um muro de angústia em torno”.

“Morrerei como tenho vivido, entre o bric-a-brac dos arredores, apressado pelo peso entre os pós-escritos do perdido”.

“Mais vale escrever do que ousar viver”.

Eu sempre amei ler. E – a depressão com certeza não vinha disso, mas com certeza não ajudava – eu tava com a impressão de que a faculdade tava tirando isso de mim. Logo no primeiro semestre, eu tranquei uma matéria de literatura inglesa do século XIX, porque eu fiquei com a impressão de que, nas análises do professor, os romances perdiam toda a graça. A gente cutucava e cutucava até a obra cair aos pedaços. Até ela não reagir mais. Se eu fechasse os olhos, eu via o corpo do livro ali na gaveta do IML. Dava pra fazer a autópsia, mas ele nunca mais ia voltar a falar comigo do mesmo jeito. É aquela coisa, né? “Estude o que você ama... e deixe de amar aquilo.”

Hoje, eu não duvido que aquele professor fosse excelente. Acho que era uma mistura do meu choque de tá entrando numa faculdade superexigente, de já não ser a pessoa mais esperta na sala... um bom tanto de cansaço, enfim. Mas, naquele inverno do segundo ano, depois de ter engolido um caminhão de livros à força, eu quis me trancar e ler só pra mim. (“Só pra mim” em termos, né? Porque, olhando pra trás, eu acho que eu era tão CDF que eu tinha pego a lista de obras obrigatórias, que eu ia ter que ler pro exame lá no final do quarto ano, e eu tava querendo me adiantar. Mas pelo menos ia ser no meu tempo.)

Eu não sei mais dizer o que eu tava esperando daquele livro. Mas o Machado me pegou. Depois de dar as minhas risadas e de dobrar orelhinhas nas páginas, eu saí anotando uns trechos também.

“Sublime idiota”.

“A volúpia do aborrecimento”.

“O inventor das borboletas”.

“Toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas”.

Se o Fernando Pessoa tava fazendo coro à minha depressão, o Machado tava me dando um sacode. Assim, não que o Machado seja coach de ninguém, muito pelo contrário. Mas eu tava sofrendo, me arrastando. E tava lá o Brás Cubas falando: "Foda-se. Eu já tô morto mesmo". Ele tava morto – e o livro tava terrivelmente vivo. Parecia que ele tava me vendo, respondendo pra mim, me dando um peteleco no nariz. Eu amei. E nem passou pela minha cabeça que, passados uns anos, eu ia traduzir aquele texto. Porque eu não sou doida, né. Naquela altura, por mais perigoso que possa parecer, eu já tava traduzindo do português pro inglês fazia um tempinho. Tudo por culpa de dois fatores imortais: a fé dos hispanofalantes que eles conseguem entender português, e a fé das pessoas em que basta jogar um troço no tradutor automático que vai dar tudo certo.

Aconteceu assim: tinha uma pesquisadora em Princeton que queria escrever uma nova biografia da Carmen Miranda. Ela não falava português, falava espanhol. E, depois de não sei quanto tempo, ela se deu conta de que ela não ia conseguir decifrar aqueles documentos todos. Essa história chegou até mim por um post de Facebook – não dessa pesquisadora, mas de uma amiga. Ela só postou: “Socorro, alguém fala português?” Essa amiga, que também não falava português, tinha sido contratada pela pesquisadora pra pegar os materiais biográficos sobre a Carmen Miranda, escritos em português, e digitar no Google Tradutor. O que tava saindo do outro lado era uma salada de palavras.

O portunhol tinha falhado, os robôs tinham falhado. E eu, do alto do meu segundo período de português avançado, fui lá resolver. Eu bati na casa da pesquisadora, e ela me deu um capítulo xerocado da biografia da Carmen escrita pelo Ruy Castro. Era o capítulo 24. Eu mal fazia ideia de quem fosse a Carmen Miranda. O texto era um tsunami de nomes, alusões, piadas, piscadelas... Eu tinha que ler cada frase umas oito ou nove vezes pra ver se eu tinha entendido. E eu adorei aquilo. Eu entreguei o capítulo 24 no dia seguinte, ganhei outro xerox, e comecei a viver aquele texto. Eu baixei umas músicas no meu iPod e andava pela faculdade ouvindo a Carmen, ouvindo o Chico Alves, o Mário Reis, tudo que eu conseguia

achar na internet naqueles tempos – que não era tanta coisa assim. Eu traduzia à noite, depois de terminar tudo que eu tinha que fazer pra aula, e comecei a entrar num estado meio alucinatório. Traduzir é se apaixonar. E, na noite em que eu cheguei na morte da Carmen, eu não queria escrever aquelas frases. Era como se – se eu não traduzisse, se eu não digitasse aquelas palavras, ela não fosse morrer. Chorando de madrugada num roupão, rodeada de copos descartáveis de café: foi assim que eu virei tradutora.

Aquela biografia da Carmen Miranda nunca saiu. E nem a tradução que eu fiz da biografia do Ruy Castro. Eu cheguei a mandar pra editoras, depois, com a bênção do Ruy. Mas era grande demais, velho demais, brasileiro demais. E a biografia da Carmen não é nenhuma exceção. A maior parte do que eu traduzi na vida é invisível. São textos que circulam internamente, que não são publicados. São legendas, são roteiros – ou, de vez em quando, são coisas que eu traduzo, tento emplacar em alguma editora... e, chega uma hora que eu canso, e vou me divertir com outra coisa.

Eu tive uma professora, que era tradutora, que me falou com todas as letras: "não siga essa profissão". Porque é muito difícil viver à mercê das editoras, à mercê dos ventos, ainda mais num mercado que nem o norte-americano, em que uma porção ínfima das publicações são traduções. Durante um bom tempo, o que pagava as minhas contas era a tradução de publicidade. Pra isso, sempre tem demanda. Literatura? Isso as pessoas vivem sem. Quando eu ganhei uma bolsa pra fazer doutorado, eu vi uma chance. Eu ia ter anos pra dedicar a um projeto. E eu queria que fosse uma tradução. A tradução ainda é vista em muitos cantos como uma forma inferior de produção acadêmica. Como se fosse menos original, menos valiosa, menos séria. Toda tradução exige criatividade, toda tradução exige pesquisa. E toda tradução exige tempo – o que, no mundo além-academia, é o que sempre falta. E foi assim que eu peguei de novo naquele livro surrado, cheio de orelhinhas nas páginas.

Alguns meses antes de entrar no doutorado, eu tinha começado a traduzir o Machado sem querer. Sem querer, mesmo. Eu tinha topado traduzir um livro sobre o Machado – um livro ótimo, aliás, do João Cezar de Castro Rocha, chamado "Machado de Assis: por uma poética da emulação". Naquela altura do campeonato, todos os romances do Machado e boa parte dos contos já tinham sido traduzidos

pro inglês. Mas o livro do João Cezar citava tanta coisa que eu me vi tendo que traduzir trechinhos da obra do Machado, aqui e ali. Um conto mais obscuro, uma crônica... o que eu não esperava era ter que retraduzir partes dos romances. Mas isso acontecia, também. Pro texto fluir melhor em inglês, pra fazer mais sentido dentro da análise que o João Cezar tava fazendo... e aquilo me deixou encucada.

Porque eu não queria traduzir só um parágrafo de cada obra. Pra fazer direito, eu queria traduzir a obra inteira, e depois pinçar aquele parágrafo. Mas não era exatamente factível largar a vida pra ir traduzir as obras completas do Machado, né? Daí que o doutorado caiu como uma luva. Não ia dar tempo de traduzir todas as obras do Machado, óbvio. Mas eu podia dedicar aqueles anos a um livro. Um livro que merecesse aquele tempo. Um livro que eu pudesse ler e reler e tresler sem começar a desgostar. Foi aí que eu voltei pro Brás Cubas. Primeiro, passei um tempo preparando o terreno. Lendo tudo que eu podia de crítica machadiana, tudo que eu aguentava de teoria da tradução. E aí, num dia, não lembro qual, eu comecei a traduzir. As primeiras semanas foram um terror puro. Eu ficava me recriminando por ter decidido escalar aquela montanha.

Naquela altura, o meu português já era infinitamente melhor do que quando eu me meti a traduzir a biografia da Carmen Miranda. Mas toda a insegurança que eu não tive naquela primeira tradução apareceu ali pra me paralisar. Eu esbarrava numa palavra, consultava um dicionário, depois outro, depois um dicionário de sinônimos, depois um jornal velho, pra ver como as pessoas usavam aquela palavra na época do Machado... Escolhia uma palavra em inglês, botava na página... e, em seguida, eu queria apagar tudo. Mas, depois de um tempo, eu comecei a ouvir a voz do Brás Cubas. Antes que vocês mandem me internar: eu não tô dizendo que eu psicografei a tradução de "Memórias póstumas", tá? Eu continuava consultando dicionários, corpus linguísticos, quebrando a cabeça. Mas agora eu conseguia sentir: "essa palavra tá certa". Podia não ser a única tradução possível, mas era a minha.

Era inebriante mergulhar nas frases do Machado, desengonçar as palavras, tirar uma sílaba, depois outra, olhar contra a luz, esfregar no joelho, dar uma lavada e tentar reencaixar tudo de volta, só que em outra língua. Eu fui entender, da forma mais concreta possível, como o Machado tinha usado cada palavra, cada vírgula, cada ponto, cada ponto e vírgula. E, como aprendiz de um ilusionista, eu fui tentando seguir os passos dele. A tradução que tá por aí hoje é, na verdade, um dos

capítulos da minha tese de doutorado. O resto é o resultado dos anos de pesquisa que circundaram e acompanharam a tradução. A história de “Memórias póstumas” na língua inglesa. Como cada tradutor chegou até a obra, qual que era a estratégia de cada um deles... o que as dificuldades que eu e eles encontramos no texto do Machado diziam sobre a construção do original, suas complexidades, seus segredos.

Todo mundo dizia que o Machado era escorregadio, que era ambíguo. Eu fui ficando com a impressão de que, ao passar o texto pela tradução, ao olhar ele do outro lado do espelho, eu conseguia ver uma coisa diferente escrita ali. Toda vez que a minha tradução divergia da do William Grossman, que divergia da do E. Percy Ellis, que divergia da do Gregory Rabassa: aí tinha coisa. Aí tinha alguma pegadinha do Machado. Algum alçapão no texto que podia passar despercebido na leitura, mas que o tradutor era obrigado a trabalhar de alguma forma, a decifrar aquela esfinge. Esses dias, me fizeram aquela pergunta que todo tradutor odeia. Sobre “o que se perde na tradução?”. E eu falei o que eu sempre falo, que é: “na tradução que a gente ganha”. Mesmo perdendo, a gente ganha, porque a gente entende melhor aquilo que tava lá o tempo todo. Por exemplo: teve um dia em que eu caí num alçapão do Machado. É um dos capítulos mais conhecidos – em que o Brás Cubas faz uma defesa bem meia-boca do caráter do cunhado dele. Vou ler esse trechinho:

Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Arguíam-no de avareza, e cuidou que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o déficit. Como era muito seco de maneiras, tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se, de certo modo, ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais.

Esse trecho é uma oficina na arte de falar mal falando bem. E é também uma aula de sociologia – de como não tem limite do que a gente possa naturalizar, desculpar, passar pano. Eu já tinha lido o capítulo várias vezes antes de pegar pra traduzir,

óbvio. Mas, quando eu fui traduzir, eu enganchei numa palavra: “Calabouço”. Ele mandava os escravos dele pra onde? Que que era esse calabouço? O porão da casa dele? O pelourinho? Eu comecei a puxar o fio, e descobri a existência de um calabouço com “C” maiúscula: um lugar, no centro da cidade do Rio, onde senhores de pessoas escravizadas mandavam essas pessoas pra serem espancadas. Porque o estado tinha proibido os senhores de darem surras brutais. E não, não era por motivos humanitários. Era mais porque isso tendia a incomodar os vizinhos. Aí, pra não "privar" os senhores do "direito" de punirem seus escravizados, o estado falou: "Vem cá, quando um escravo seu precisar apanhar, manda pra gente. Você paga pelas chibatadas que a gente faz o trabalho sujo". Tinha gente que levava centenas de chibatadas. Tinha gente que era abandonada lá dentro. Tinha gente, claro, que morria.

Eu escrevi isso num texto pra revista Piauí, na época, mas repetindo aqui: eu não descobri nada disso. Na hora que eu resolvi pesquisar sobre o Calabouço, eu achei vários livros ótimos, pesquisas feitas décadas antes. O que eu vi, na hora da tradução, era uma pontinha do iceberg saindo ali do texto. E eu fui descobrindo que muita gente nem desconfiava mais da existência daquele iceberg. O que significava que cada vez menos gente entendia a incompreensível crueldade do mundo em que Machado viveu, o Brasil do século XIX. Sem enxergar aquilo, a gente não enxerga o Machado. Eu não tinha como colocar tudo aquilo no texto. Mas eu deixei uma notinha de fim de livro. Essa foi uma de mais de cem.

Eu fui fazendo tudo isso no meu tempo. Sem nem pensar na publicação – quando viesse, se viesse. Era eu e o texto. Eu e o Brás. Mas, assim que eu entreguei a tese pra banca, eu peguei a tradução e comecei a bater em algumas portas. E dei sorte. A Penguin Classics, um selo icônico e popular nos Estados Unidos, topou adotar o meu Brás. Depois da euforia, veio a angústia. Enquanto o mundo se resumia a mim, ao Brás Cubas, e, eventualmente, à minha banca, tava tudo bem. Mas e se as pessoas lessem e não gostassem? Pior: e se as pessoas não lessem? Tinha hora que eu nem sabia se eu queria que saísse, ou se eu preferia que não saísse. Coitado do meu analista, que teve que ouvir esse papo em looping durante uns bons meses. E aí veio a pá de cal. O livro ia sair no segundo semestre de 2020. Eu ia pros Estados Unidos, tava planejando uma série de eventos em faculdades, livrarias, ia sair por aí batendo meu bumbo e tentando chamar a atenção pro meu livrinho... mas a pandemia me pegou na curva. Na hora H, era eu em casa com

uma caixinha de livros recém saídos da gráfica, sem nenhum bumbo, só uma conta no Twitter que eu tinha começado a usar justamente pro lançamento.

No dia do lançamento, eu soltei um tuíte meio tímido comemorando que o livro tinha saído, mesmo num momento em que o mundo tava pegando fogo. E, quando eu vi, esse tuíte tinha viralizado. Eu não sei até hoje que alquimia que deu, qual combinação de fatores que convergiu. Mas, na manhã seguinte, uma amiga me escreveu dizendo que não tava achando o livro em mais nenhum site – ela acabou conseguindo comprar um dos últimos exemplares no Walmart. Se antes eu tava preocupada se alguém, fora a minha mãe, ia ler minha tradução, agora, eu tava preocupada com o quão rápido a Penguin ia poder mandar mais exemplares pras livrarias. O meu Brás Cubas tava vivo.

Lá em meados de 2020, eu fiz live até não poder mais, dei entrevista até não poder mais. E teve uma hora que tudo acalmou. Eu tava com a cabeça aqui na Novelo, na minha outra paixão, que é contar histórias em áudio... e a tradução foi ficando cada vez menor dentro dos meus dias. Eu consegui traduzir outro livro esquisito que tinha se alojado dentro do meu coração – “O Turista Aprendiz”, os diários amazônicos do Mário de Andrade – mas, de uns tempos pra cá, os meus dias dedicados à tradução quase pareciam tirados de uma vida passada. Mesmo assim, o meu Brás Cubas ressurgia de vez em quando. Ele foi incorporado ao currículo obrigatório pra todos os alunos da Universidade de Columbia, lado a lado com o Cervantes, o Santo Agostinho, Dostoiévski... Um diplomata me avisou que o livro tinha ido numa cestinha de brinde que o Brasil deu pros outros membros do Conselho de Segurança da ONU. Vira e mexe eu recebia e-mails muito simpáticos de alunos que tavam lendo na faculdade e tinham alguma dúvida, ou queriam dizer que tinham gostado muito (alunos e leitores em geral: fiquem à vontade sempre pra escrever pros tradutores das obras que vocês gostam, tá? A gente aprecia.).

Mas, apesar de todos esses sinais, a vida de uma obra, uma vez que ela sai da nossa mesa, ainda parece um pouco fictícia. A gente fica em dúvida: será que o livro realmente tá existindo lá fora? Encontrando gente? Sendo encontrado por gente? A gente sonha, imagina a mão de alguém passeando por uma estante numa livraria e pousando naquele título estranho. Levando pra casa e rindo e dobrando uma orelhinha numa página, sublinhando uma frase. Repassando o livro pra um amigo. Mas esses encontros normalmente acontecem no silêncio de um quarto. Eu

ficava torcendo, mas sem saber se era coisa da minha cabeça. Foi por isso que eu fiquei tão feliz quando me mandaram o vídeo de uma leitora. De alguém que também tinha se esbarrado com o Brás Cubas e saído transformada.

Trecho do vídeo de Courtney Novak no TikTok

Courtney Novak: *Read around the world. I need to have a little chat with the people of Brazil. I'm not quite done with Brás Cubas, got about 100 pages left.*

Flora Thomson-DeVeaux: Pois é. Algumas semanas atrás, todo mundo na minha vida, da minha dentista a pais de amigos, conhecidos, semi-conhecidos e estranhos... todo mundo começou a me mandar esse vídeo.

Trecho do vídeo de Courtney Novak no TikTok

Courtney Novak: *Why didn't you warn me this is the best book that's ever been written?*

Flora Thomson-DeVeaux: Se você não viu... bom, eu espero que o seu retiro espiritual tenha sido bacana. É um TikTok de uma norte-americana chamada Courtney Henning Novak, que tinha embarcado no desafio de ler um livro de cada país no mundo, em ordem alfabética. E ela tava pirando em “Memórias póstumas de Brás Cubas”.

Trecho do vídeo de Courtney Novak no TikTok

Courtney Novak: *How is this book not beloved by high schoolers in Brazil? This is just freaking amazing.*

Flora Thomson-DeVeaux: Mas ela não tava pirando só no Brás Cubas.

Trecho do vídeo de Courtney Novak no TikTok

Courtney Novak: *Oh, I'm reading a translation by Flora Thomson-DeVeaux. Amazing.*

Flora Thomson-DeVeaux: Era no meu Brás Cubas.

Flora Thomson-DeVeaux: First of all, could I just get you to introduce yourself?

Flora Thomson-DeVeaux: Pois é. Eu atendi aos apelos da internet brasileira e chamei a Courtney pra um papo. Quando eu fiz o convite, ela pediu desculpas por não poder dar a entrevista em português – ainda.

Courtney Novak: Hi, I'm Courtney Henning Novak. I am a writer and bookworm doing a “Read Around the World” project.

Flora Thomson-DeVeaux: A Courtney é uma escritora, ex-advogada, mãe, dona de casa, e leitora inveterada que – como muita gente – ficou meio vidrada no TikTok durante a pandemia.

Courtney Novak: I got into TikTok during Covid...

Flora Thomson-DeVeaux: E depois de um tempo, ela começou a postar os próprios TikToks. No começo, era uma pegada bem hashtag-maternidade-real. Ela falava sobre a depressão pós-parto que ela teve, sobre a bagunça que tava a casa dela, sobre os livros que ela tava lendo pros filhos... e teve uma hora que ela resolveu dar um pontapé em outro tipo de vídeo.

Courtney Novak: I think the project really started coming to me because I was thinking: "oh, I read from a lot of countries"...

Flora Thomson-DeVeaux: A Courtney sempre adorou ler. E ela se achava uma leitora bem cosmopolita. Só que, quando ela foi ver a lista do que ela andava lendo, só dava autores de língua inglesa. Autores americanos.

Courtney Novak: I started scrolling through my Goodreads history, and they were all American authors.

Flora Thomson-DeVeaux: Are you familiar with that 3% statistic?

Flora Thomson-DeVeaux: Tem uma cifra meio famosa, meio infame, entre os tradutores nos Estados Unidos. Estima-se que só 3% das obras publicadas nos

Estados Unidos são traduções. Quer dizer: 97% de tudo aquilo que sai das editoras na minha terra já nasceu em língua inglesa. Ou seja: se a Courtney só tava lendo autores americanos, isso não era só culpa dela. Mas, enfim.. uma vez que ela se deu conta disso, ela queria mudar. E ela resolveu embarcar nesse desafio que roda a internet faz um tempo, de você ler um livro de cada país do mundo.

Courtney Novak: I began the A's, actually, last October.

Flora Thomson-DeVeaux: Ela começou no final de 2023. Afeganistão, Albânia, Andorra, Angola, Antigua e Barbuda. Por aí, vai. Ah, e a Courtney pediu pra eu deixar claro aqui: não é que ela tava escolhendo, assim, a maior obra de todos os tempos de cada país. Ela só escolhe um livro que ela acha interessante.

Courtney Novak: People get really upset if I don't pick what they think is the book of their country

Flora Thomson-DeVeaux: Isso deu B.O. na Argentina, por exemplo, onde o livro que ela escolheu foi uma biografia da Evita Perón.

Courtney Novak: And I was like: "oh, I've already read Borges and I know he's amazing. So I just wanted to try a different author and try, like, learning something new". And I read, I learned so much about Argentina, but people are a little indignant that I didn't pick Borges.

Flora Thomson-DeVeaux: Depois do caso Evita, veio mais turbulência na letra B. E veio algumas semanas antes do Brasil. Quando a Courtney postou o vídeo dela sobre a obra que ela tinha escolhido ler da Bósnia... deu briga.

Courtney Novak: I picked this author who was born in Bosnia, Ivo Andrić.

Flora Thomson-DeVeaux: O livro era Ponte sobre o Drina, de Ivo Andrić. Eu nunca tinha ouvido falar desse livro. A Courtney também não. Mas o Andrić ganhou um Nobel, tá gente? A Courtney gostou do livro. Mas, quando ela postou o vídeo, eclodiu uma pequena guerra nos comentários.

Courtney Novak: It turns out the Balkans are spicy...

Flora Thomson-DeVeaux: O problema não era o livro, que ela gostou. Era o fato de ela ter escolhido o Andrić como um autor bósnio.

Courtney Novak: No idea that Serbians are like, “No, he's ours”. Croatians are like, “He's ours”.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu não estudei nada disso, então eu não vou entrar no mérito de se Ivo Andrić deveria ser considerado um autor bósnio, sérvio, croata, iugoslavo, enfim. Mas deu pra entender que o assunto é complicado – e que nunca dá pra falar de literatura sem falar em geopolítica também.

Courtney Novak: Huge fights breaking out in the comments and just sort of stepping back and being like, “Oh, this is an education”.

Flora Thomson-DeVeaux: O bafafá dos Bálcãs foi grande. Mas nada se comparou com o Brasil. Eu perguntei como que a Courtney chegou nas “Memórias póstumas de Brás Cubas”.

Courtney Novak: I was just going through all my Goodreads and googling lists, and, you know, his name kept coming up.

Flora Thomson-DeVeaux: Ela disse que o nome do Machado aparecia em muitas listas de literatura brasileira, e que esse título chamou a atenção dela – o que não é exatamente surpreendente, né?

Courtney Novak: I read the description. I'm like: “Yes, please. I would like to read this. Posthumous memoirs? I'm in”.

Flora Thomson-DeVeaux: Também foi quase por acaso que ela escolheu a minha tradução das Memórias póstumas.

Flora Thomson-DeVeaux: And do you remember, was there any particular reason you chose my translation – or was it just like, just popped up on Amazon...?

Courtney Novak: It popped up and it's like the most recent. So I was like: "sure, let's do that". And it's got a very pretty cover.

Flora Thomson-DeVeaux: Era uma tradução recente, ela gostou da capa... e a capa é bonitinha mesmo. Mas o que tinha fispado a Courtney no livro era todo o conceito. O defunto autor, o estilo bizarro... ou ia dar muito bom, ou ia dar muito ruim.

Courtney Novak: From reading the description, I was like: "this is either going to be amazing or just a total disaster".

Flora Thomson-DeVeaux: E, bom...

Courtney Novak: And then I was just like, blown away within, like the first few pages.

Flora Thomson-DeVeaux: Imagina uma leitora...

Courtney Novak: I feel seen. I feel like he's just talking to me personally.

Flora Thomson-DeVeaux: Uma leitora que sente que o livro tá falando com ela.

Courtney Novak: Like, this could not have been published like over 100 years ago.

Flora Thomson-DeVeaux: Uma leitora que não sente que ela tá lendo um livro que tem quase 150 anos.

Courtney Novak: I felt like I could keep rereading this book and keep getting different layers out of it. And like, my first reading was just the exuberance and the playfulness and joy of it.

Flora Thomson-DeVeaux: Uma leitora que sente que ela encontrou um livro pra toda a vida. A Courtney postou o vídeo no TikTok numa sexta-feira. Naquela noite, eu recebi pela primeira vez. Na manhã seguinte, o meu inbox tava lotado. E o da Courtney, também. Ela levou um susto com a repercussão. Quando ela comentou

com o marido dela, ele respondeu com o meme "Brazil mentioned" – que é sobre a fama dos internautas brasileiros de explodir a internet cada vez que alguma coisa do Brasil é mencionada por um gringo.

Courtney Novak: When I told my husband what was going on, he was like: "oh yeah, that's the meme: 'Brazil mentioned, Internet explodes'". I don't spend a lot of time digging into social media, so I had not experienced that before.

Flora Thomson-DeVeaux: As discussões e as polêmicas que se seguiram ao TikTok da Courtney eram meio previsíveis. “Complexo de vira-lata”, “foi preciso uma gringa falar pra gente valorizar nossas obras-primas”, etc e tal. Eu lembrei de quando eu tava fazendo intercâmbio por aqui e a Folha de S. Paulo me pediu pra escrever, naquela seção “Tendências e Debates”, sobre “as minhas impressões dos brasileiros”. Eu me senti como se eu estivesse no século 18, mandando o meu relatório sobre o estado das terras brasileiras e de suas gentes. Na coluna, eu fui sincera. Eu falei que as pessoas adoravam pedir a minha opinião sobre as coisas daqui. Mas que, quando eu gostava de alguma coisa, eu sentia que elas davam peso demais pra minha opinião. E, quando eu não gostava de alguma coisa, também. Ou era a consagração nacional, ou lá vinha uma turba empunhando tochas. Tipo, me deixa gostar de Noel Rosa e não gostar de requeijão, gente. Isso não muda nem o Noel nem aquele negócio que vocês insistem em chamar de queijo. E outra: parem de dar tanta bola pra mim, eu só tenho vinte anos. (Naquela época, tá? Agora eu tenho 32.) Mas, justiça seja feita, a Folha nunca mais me pediu nada assim. Coerente com o meu pedido, né? Já a Courtney só ficou feliz de não ter pisado num outro formigueiro que nem nos Bálcãs. "Vem pra cá, você é nossa agora". "Please come to Brazil".

Courtney Novak: People are telling me: "you're on the news". You're – “my professor’s showing you in class”, “Yes, come to Brazil. You're ours now. We've adopted you”.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu fiquei feliz, como eu sempre fico, com o Machado viralizando – sem ser porque alguém tá reclamando porque ele escreve difícil. (O que não é verdade, gente. Para com isso.) Mas eu fiquei mais feliz por um motivo muito simples.

Flora Thomson-DeVeaux: I was so pleased by your video because I was like, “Oh, she – she felt the same thing that I did”.

Flora Thomson-DeVeaux: Tantos anos depois, uma mulher do outro lado do país passou a mão na minha tradução e sentiu a mesma coisa que eu senti naquela tarde de inverno. Ela ficou espantada, maravilhada – e meio indignada que esse livro não tinha cruzado o caminho dela antes.

Courtney Novak: I would really love– I think this should just break so big in America.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa reação – a minha reação, a da Courtney – tinha rolado várias vezes, numa escala bem pequena, ao longo do século 20. O Machado chegou tarde na língua inglesa. O primeiro romance dele traduzido pro inglês foi justamente “Memórias póstumas”, só em 1952. Mas, mesmo chegando na corrente sanguínea literária norte-americana com uns 70 anos de atraso, ele encontrou eco. Encontrou leitores. Maya Angelou, Salman Rushdie, Susan Sontag. A cada tanto, o Machado é redescoberto na minha terra. Não por muita gente, não é constante. Parece que os astros se alinham e vem um eclipse machadiano, momento em que as pessoas – tanto dentro quanto fora do Brasil – conseguem enxergar a genialidade da obra dele. O momento sempre passa. Mas cada vez que um momento desses vem, ele consegue conquistar mais um punhado de leitores que são transformados pela obra dele, que carregam ela pra frente. E não é, como dizem por aí nas redes, “sobre isso”?

Branca Vianna: Essa foi a Flora Thomson-Deveaux, diretora de pesquisa da Rádio Novelo. A nossa segunda história poderia tranquilamente se passar dentro de um labirinto: um lugar que é feito pra você ficar andando em círculos, sem ter ideia de onde fica a saída. Se é que tem saída. Quem conta essa história é o Alisson Barboza.

ATO 2 - ORELHÃO

Alisson Barboza: Eu cresci à sombra dos orelhões. Até a metade da década de 90, telefone em casa era um privilégio da parte mais rica da classe média. A minha

família vivia subindo e descendo na escala social, então aquele luxo obedecia a mesma gangorra. Uma hora, telefone. Outra hora, orelhão. Era o tempo das fichas, e eu ia pro orelhão da esquina com os meninos da rua, todos sem telefone. A gente brincava de colocar uma ficha no orelhão amarrada num barbante, pra depois tentar pescar a ficha de volta. Os meninos juravam que dava certo, mas, pra mim, nunca deu. Teve uma época em que o telefone era o meu brinquedo preferido, pra o desespero dos meus pais. É que, ali pelos meus seis anos, todo mundo foi pra escola e eu fiquei em casa. Isso porque eu nasci cego. E a escola primária em São Félix do Araguaia, lá em Mato Grosso, ali no final dos anos oitenta, não tava preparada pra receber uma criança cega. Ou talvez não tivesse disposta, o que pra mim, dava na mesma.

Os outros meninos todos tavam na escola. Meus pais tavam no trabalho. Era eu e o telefone. Eu fiquei rebelde: eu fazia longas chamadas interurbanas em casa, e a conta vinha caríssima. Às vezes eu ligava pra Globo, querendo falar com o Roberto Carlos, com a Xuxa ou com o Roberto Marinho. Mas a maior parte das chamadas era pra Rádio Nacional da Amazônia. Eu sempre queria falar com as estrelas da programação, com os cantores e com os locutores... mas eu liguei tanto, que eu cheguei a conhecer todo mundo lá – desde o porteiro até o diretor. Um dia, um funcionário da Rádio, com quem eu falava sempre, me perguntou se o meu pai era gerente de banco, pra conseguir pagar uma conta tão cara. Depois de um tempo, meus pais revidaram. O telefone era daqueles de disco, e eles botaram um cadeado fechado à chave, bem no 9 e no 0. Isso era pra eu não conseguir fazer ligações interurbanas, que começavam com 0.

A minha salvação era a empregada. Quando o namorado dela ligava, eu atendia e ia chamar ela. Assim que ela terminava a ligação, ela ligava pra uma amiga, pra fofocar do namorado. Sempre que ela desligava, ela esquecia o cadeado com a chave do lado do telefone. Aí, quando ela saía da sala, eu corria lá, pegava o cadeado e a chave, e jogava na cisterna. Pois é, na minha casa tinha poço, e com bomba. Nada de balde, como na casa dos outros meninos da rua. Quando eu tinha sete anos, a gente se mudou pra Goiânia. O aluguel era caro, e a gente não tinha telefone. Então, dos sete aos dez anos, eu só tinha o orelhão. Nessa época, eu estudava numa escola especial – primeiro como semi-interno (indo de manhã e voltando à tarde), e depois como interno, só voltando pra casa nos fins de semana.

De novo eu fiquei rebelde. Pra minha sorte, instalaram um orelhão na escola. Aí eu tinha o que fazer à noite, fora ler.

O orelhão era o meu vínculo com o mundo, com as pessoas lá fora. Eu me sentia bem, acolhido por aquela concha de fibra de vidro. O orelhão era uma promessa, um refúgio. Até que virou um monstro. Eu comecei a aprender a usar uma bengala quando eu tinha uns 13 anos. Antes disso, eu tinha frequentado orelhões sempre acompanhado. Então eu não tinha noção do perigo que eles representavam pros cegos. Mas, já nas primeiras aulas de orientação espacial nas ruas, isso ficou claro pra mim. Aquele design elegante do orelhão – o abrigo curvado pousado num poste fino – era uma armadilha. A bengala não conseguia detectar o orelhão. Ou até conseguia detectar, mas aí já era tarde demais. Antes da bengala bater no poste de sustentação, a cabeça – a minha, no caso – ia direto no orelhão pendente. Foi na adolescência que eu tive essa lição. Mas não dá pra dizer que eu aprendi. Por volta dos vinte e poucos anos, eu era um cego com soberba. Minha mobilidade não era das melhores. Eu tinha outros colegas cegos que usavam a bengala com muito mais habilidade e agilidade do que eu. Mas eles faziam um esforço pra marcar os obstáculos no caminho cotidiano deles, pra mapear o roteiro do dia-a-dia.

Claro que isso não era garantia de uma caminhada sem barreiras. Mas, com certeza, ajudava a desviar de um buraco aqui, uma árvore ali, uma lixeira acolá. E principalmente – mas nem sempre – essas precauções ajudavam a desviar dos orelhões. O certo mesmo – seguindo o padrão de sinalização pras pessoas cegas – seria o seguinte: pouco antes de cada orelhão, tinha que ter um piso de alerta, sabe? Aquelas bolinhas táteis no chão, que agora você encontra bastante perto de escadas, ou de faixas de pedestre? Mas, imagina... na maior parte das cidades isso nem existe. No começo do século, então, era cada cego por si e Deus não sabia. E eu, soberbo e distraído, sabia menos ainda. Eu não marcava os obstáculos, não demarcava os trajetos, enfim, não mapeava roteiro nenhum. Quem não enxerga e anda sozinho pelos mesmos lugares é obrigado a aprender que numa esquina tem uma farmácia – o cheiro é quase inconfundível -, mais à frente tem uma árvore – o tronco pode ser identificado pela bengala, e nunca muda de posição –, e logo adiante funciona um estacionamento – o barulho do entra e sai dos carros é uma pista quase infalível.

No dia-a-dia, eu circulava mais ou menos pelos mesmos espaços. Mas, pra mim, todo dia era quase como se fosse a primeira vez. Todo dia eu tinha que descobrir a farmácia da esquina, a árvore logo em frente, o estacionamento mais adiante. E, no trajeto entre o ponto de ônibus e o meu trabalho – naquela época, a Biblioteca Braille de Goiânia –, tinha um orelhão no meio do caminho. Não dava outra: dia sim, dia também, eu batia a cabeça naquele orelhão. Prum cego, bater a cabeça num orelhão é diferente de enfiar o pé num buraco, de tropeçar num pequeno degrau ou de dar uma joelhada num carro estacionado na calçada. Pra a gente, o orelhão tem um quê de monstruoso, de tão imprevisto e improvável. Aquele orelhão, bem na altura da minha testa, era o meu Minotauro particular. E, no meio do labirinto da cidade, eu sempre me encontrava com ele.

Primeiro vem a dor. Esse tipo de cabeçada não costuma deixar nem corte nem galo: é diferente de bater a cabeça na carroceria de um caminhão, por exemplo. Mas a dor de uma cabeçada num orelhão não é uma dor qualquer. Ela vem acompanhada de um misto de culpa e vergonha de ser visto naquela situação de pavor. Um pavor minimalista – mas, ainda assim, um pavor, tipo uma barata no corpo de quem tem medo de barata. Depois vem a raiva. Enquanto a dor ia diminuindo, eu me roía de raiva daquele orelhão maldito, da bengala que avisava tarde demais, do meu cão guia que nunca chegava. E, por fim, vinha a indignidade. Toda cabeçada é indigna, principalmente se houver testemunhas. E, no meu caso, sempre tinha. E, pior: era sempre a mesma. Aconteceu mais de uma vez, não sei quantas. A cena se repetiu tantas vezes na minha memória que os dias talvez tenham se fundido, ou talvez os ecos do tempo tenham multiplicado aquela conversa. Eu tô andando pro trabalho. Eu sempre saía do estágio antes do almoço, e com muita fome. Nessa hora do dia, o meu objetivo principal não é nem chegar no trabalho, mas descolar o almoço na lanchonete em frente.

Fome. Pressa. E tem uma mulher elegante andando na minha frente. Quer dizer, eu suspeito que é mulher, e que é elegante, pelo barulho do salto e pelo perfume. E pelo balanço dos passos: seguros, ligeiros, sem qualquer possibilidade de retorno. E, no nosso caminho – meu e dela –, tinha o orelhão implacável. Todo dia, eu dava a minha rotineira e infame cabeçada. E, no mesmo instante, aquela mulher me perguntava, sem diminuir a velocidade dos passos, e num tom de quem não queria realmente saber: “Tá tudo bem?”. Aquele era o subsolo da minha dignidade.

Ela podia ter me avisado do orelhão; ela podia ter seguido em frente (e em silêncio) depois da minha cabeçada; mas não. Ela tinha o sadismo e a frieza de me perguntar, um dia atrás do outro e sempre no segundo depois: “Tá tudo bem?”. Passados uns 20 anos, eu ainda trago na cabeça aquele orelhão duro, e aquela mulher perversa. Na verdade, hora ou outra eles me aparecem, se repetindo pra mim, como num eterno retorno. Eu não sei por que nós coincidimos tantas vezes nessa cena. Talvez ela tivesse descido do ônibus junto comigo – é uma das poucas teorias plausíveis.

Será que ela achava que na segunda vez ia ser diferente? Na terceira? Na quarta? Ela passou a se calar? Começou a apressar o passo, pra não ver a colisão? Qual será, pra ela, a moral dessa história? Pra mim, o que ficou é o seguinte: se eu dei lá as minhas cabeçadas, eu que aprenda a não me repetir. Eu tive que aprender a mapear os roteiros do dia a dia: marcar as diferenças de piso, demarcar os obstáculos – inclusive os aéreos. Não tem garantia. Nada na vida tem. Mas a precaução ajuda. E o progresso também. Eu sei que tem nostálgicos que lamentam o sumiço dos orelhões na paisagem da cidade. Eu não tô entre eles. Já o caso daquela mulher é um pouco mais complicado. Ela parecia sentir uma indiferença cruel. É o outro lado da moeda da pena que sempre rondou, e ainda ronda os cegos – e as pessoas com deficiência de modo geral.

Pra aquela mulher, no momento anterior àquela cabeçada, era como se eu não existisse. Como se não tivesse uma pessoa em situação vulnerável diante de uma barreira intransponível e arriscada. Aquela pergunta – “Tá tudo bem?” – depois de cada trombada minha no orelhão era protocolar, burocrática. Que resposta que ela queria? Que resposta que ela tava preparada pra receber? Eu nem lembro o que eu respondia. Acho que não teria feito diferença. Ou talvez eu teja dando a resposta agora. Eu ainda tô desviando dos meus orelhões. Mas a indiferença daquela mulher ainda me assombra. “Tá tudo bem?”. Não, ainda não. Mas sem os orelhões no meio do caminho até que melhorou um pouco.

Branca Vianna: Esse foi o Alisson Barboza, colaborador da Rádio Novelo.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta. Essa semana, no post do episódio no nosso site, tem link pros ensaios que a Flora publicou na revista Piauí, sobre o Calabouço e sobre o método que ela usou na tradução e na análise de “Memórias póstumas de Brás Cubas”. Se você quiser falar com a gente,

é só escrever pro email apresenta@radionovelo.com.br. E pra acompanhar a gente nos momentos entre um episódio e outro, dá pra seguir a gente no Twitter, no Instagram, e no YouTube – é só procurar por “Rádio Novelo”. Também tem a nossa newsletter, que pra receber é só se inscrever no nosso site.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A direção executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, a Júlia Matos e a Ashiley Calvo.

A checagem deste episódio foi feita pelo Bruno Lima.

Nesse episódio, a gente usou música original de Chico Corrêa. E, também, da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Brigada, e até a semana que vem.